

Universidade de Brasília

INSTITUTO DE ARTES

DEPARTAMENTO DE MÚSICA

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Um estudo sobre os processos de aprendizagem musical na Folia de Reis do grupo de Foliões Santa Luzia da comunidade Serra Bonita Buritis-MG

Ana Lúcia Pereira da Cunha

BRASÍLIA

2016

Ana Lúcia Pereira da Cunha

Um estudo sobre os processos de aprendizagem musical na Folia de Reis do grupo de Foliões Santa Luzia da comunidade Serra Bonita Buritis-MG

Orientador: Prof. Dr. Hugo Ribeiro

BRASÍLIA

2016

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

CC972e Cunha, Ana Lúcia Pereira da
Um estudo sobre os processos de aprendizagem musical na Folia de Reis do grupo de Foliões Santa Luzia da comunidade Serra Bonita Buritis-MG / Ana Lúcia Pereira da Cunha; orientador Hugo Leonardo Ribeiro. -- Brasília, 2016.
46 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura em Música) --
Universidade de Brasília, 2016.

1. Aprendizagem musical. 2. Folia de reis. 3. Buritis-MG. 4. Etnografia. 5. comunidade de prática. I. Ribeiro, Hugo Leonardo, orient. II. Título.



Universidade de Brasília

Instituto de Artes
Departamento de Música

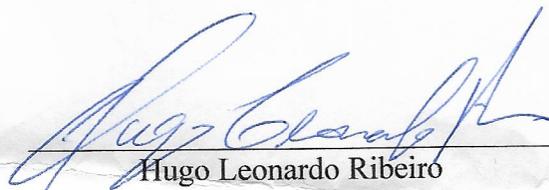
ATA DE DEFESA DE TCC

Ana Lucia Pereira da Cunha

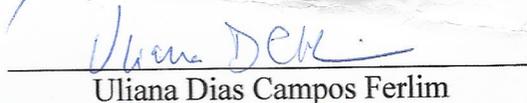
“Um estudo sobre os processos de aprendizagem musical na Folia de Reis do grupo de Foliões Santa Luzia da comunidade Serra Bonita Buritis-MG”

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Música defendido no Departamento de Música, Instituto de Artes, Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Música sob a orientação do Professor(a) Hugo Leonardo Ribeiro, segundo o Ato 56/2016 do dia 6 de dezembro de 2016, que nomeou banca de avaliação.

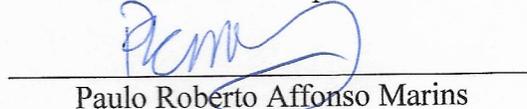
Brasília, 10 de dezembro de 2016.



Hugo Leonardo Ribeiro



Uliana Dias Campos Ferlim



Paulo Roberto Affonso Marins

Dedico esse texto a Deus, a todos que me ajudaram e me apoiaram durante toda essa trajetória, e à minha família: meus filhos Pedro Henrique, Luiz Fillipe e Rafael Carlos e principalmente ao meu esposo José Sidney pela compreensão e carinho.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus por ter me dado a oportunidade de realizar meu sonho que é estar findando este curso.

Aos meus Pais Faustino Pereira (in memorian) e a minha mãe Maria Ferreira por que me deste a vida e sempre estiveram ao meu lado me apoiando.

Ao meu esposo José Sidney que muito contribuiu com paciência, compreensão e motivação.

Aos meus filhos que amo muito, que muitas vezes seguraram a câmera nas minhas atividades de filmagens de vídeos.

A minha irmã Isabel Pereira pela contribuição na execução deste e também de tantos outros trabalhos ao longo do curso.

A toda Família Pereira pelo apoio, incentivo e carinho.

Aos meus colegas de turma Uab 3 pela contribuição e parceria ao decorrer do curso.

A minha tutora presencial Beatriz Carla pelo companheirismo e fidelidade.

Ao meu Professor-orientador Hugo Leonardo Ribeiro pelo profissionalismo e por acreditar em mim.

Aos entrevistados Sr. Salvador Pereira e Vinícius Pereira pela disposição e contribuição para este trabalho.

RESUMO

Este trabalho de Conclusão de Curso tem o objetivo de investigar e compreender os processos de aprendizagem musical que ocorrem dentro do contexto de Folia de Reis desta comunidade local na região Serra Bonita de Buritis-MG. A metodologia foi a pesquisa qualitativa etnográfica analisada sob o conceito de “comunidade de prática”. A técnica de coleta de dados foi baseada em entrevista dos participantes e a observação. Os participantes foram dois Foliões participantes do grupo do festejo. Através da pesquisa foi possível conhecer como vivenciam essa tradição e como ocorreu esse processo de aprendizagem e transmissão do conhecimento cultural. Como resultado, identificou-se que há um aprendizado apoiado na prática coletiva na qual os músicos aprendem, principalmente, através da observação e imitação, incentivados através do encorajamento de seus familiares e pares, onde músicos mais experientes e antigos do grupo são incentivados a ensinar, interferindo quando houver necessidade e fazendo cabíveis correções aos que estão aprendendo. Por essa razão consideramos que esse grupo de Folia de Reis pode ser considerado uma “comunidade de prática”, possibilitando uma aprendizagem significativa, pois há uma ligação forte com o interesse do aprendiz e sua cultura local.

Palavras-chave: Aprendizagem musical; Folia de reis; Buritis-MG; Etnografia; comunidade de prática.

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Salvador Pereira, Mestre Guia do grupo de Foliões Santa Luzia da comunidade Serra Bonita Buritis-MG.....	14
Foto 2: Grupo de foliões Santa Luzia, durante o encontro de Folias realizado pela prefeitura de Buritis.....	16
Foto 3: Alfere e Bandeira.....	16
Foto 4: Lapinha de Santos Reis, na Casa da Família Pereira, 2015.....	20
Foto 5: Momento da Alvorada, 2015.....	20
Foto 6: Bendito de mesa, 2015.....	23
Foto 7: Momento da brincadeira, 2015.....	24
Foto 8: Crianças participando do Giro, 2015.....	29
Foto 9: Crianças tocando instrumentos durante a curraleira, 2015.....	30

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
ESTRUTURA DA FOLIA DE REIS.....	13
FOLIA DE REIS DE SERRA BONITA.....	17
O GIRO DO GRUPO SANTA LUZIA.....	19
A APRENDIZAGEM MUSICAL NA FOLIA DE REIS.....	25
CONCLUSÃO.....	33
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXO A – LETRAS DAS MÚSICAS.....	36

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa tem o objetivo de investigar e compreender os processos de aprendizagem musical que ocorrem dentro do contexto da Folia de Reis da comunidade de Serra Bonita em Buritis, Minas Gerais.

A Folia de Reis é uma festa popular relacionada ao culto católico dos Reis Magos e que faz parte dos festejos do ciclo natalino. Tem um forte caráter religioso e geralmente ocorre entre os dias 24 de dezembro e 6 de janeiro. Em algumas regiões, as festas do ciclo natalino passaram a ser as mais importantes datas comemorativas da religião Católica.

O fato que intriga quem se dispõe a desvendar os mistérios do culto aos Reis Magos (ou Três Reis Santos, ou ainda Santos Reis) é o quanto essa devoção cresceu e se desenvolveu em torno de um relato parcimonioso de um dos quatro evangelistas, Mateus, a saber; o qual em poucos versículos conta a saga dos enigmáticos personagens. [...] Nenhum outro evangelista se dispôs a escrever sobre os Santos Reis. Isso até é explicável quando se recorda que o evangelho de Mateus tem por preferência de público os judeus (Mears, 1997). Assim, o relato da visita dos Reis Magos (os quais Mateus nomeia apenas de Magos do Oriente) acaba sendo uma inferência para o cumprimento da profecia descrita no Salmo 72:10-11[...] Como o escopo dos outros evangelhos era a conversão dos povos gentios, não havia a necessidade de se apegar ao cumprimento de profecias que diziam respeito apenas aos judeus. [...] As lacunas deixadas pelo texto bíblico foram supridas pela tradição oral e os relatos apócrifos. A antiga Pérsia parece ser a procedência desses personagens, pois que os sacerdotes persas eram chamados de magos. [...] A tradição oral posterior ainda levantou a hipótese de que viessem da Grécia (Europa), da Índia (Ásia) e do Egito (África), representando os três continentes conhecidos. Uma antiga tradição diz que os Magos são provenientes de Tarsis (Melchior), Arábia (Gaspar) e Etiópia (Baltazar) e descendentes diretos de Job. (CAVALHEIRO, 2005)

A Folia de Reis considerada uma das maiores festas folclóricas, é conhecida e celebrada em várias regiões com significados iguais mas com nomes diferentes. Essa manifestação ampliou-se trazendo consigo histórias culturais de um povo, comunidades, de geração para geração sem perder suas origens sagradas.

Acredita-se que os Magos do Oriente eram três em número, devido ao número de presentes dados: ouro, incenso e mirra. Para os Padres da Igreja simbolizavam a realeza (o ouro), a divindade (o incenso) e a paixão (a mirra) de Cristo. [...] A devoção aos “Santos Reis Magos” parece existir desde o cristianismo primitivo. Foram eles, segundo a própria Bíblia, quem primeiro adoraram ao Cristo, quem reconheceram a sua divindade. [...] A Festa da Epifania (Revelação ou ainda amanhecer da luz do dia) realizada em 06 de janeiro era, originalmente, uma comemoração de vários fatos relativos a Cristo e,

em especial, a revelação de sua divindade ao mundo pagão. Após, a data tornou-se especificamente como Festa de Reis Magos, pois estes foram, em tese, os primeiros a revelar a divindade de Cristo para o mundo. (CAVALHEIRO, 2005)

Em textos antigos sobre o folclore brasileiro não há referência direta à Folia de Reis, sendo o termo mais próximo o Reisado (ANDRADE, 1982; CASCUDO, 1998?; BRANDÃO, 2007), todavia, com diferenças em relação à prática atual, tal como a presença do Bumba-meu-boi ao final das visitas. Câmara Cascudo define o Reisado da seguinte maneira:

É denominação erudita para os grupos que cantam e dançam na véspera e dia de Reis (6 de janeiro). Em Portugal diz-se reisada e reiseros, havidos no Norte, Famalição, Maia, Mondin-de-Basto, Ponte-de-Lima e Vila-de-Conde (Luís Chaves, Páginas Folclóricas, 144, Porto, 1942), que tanto pode ser o cortejo dos pedintes, cantando versos religiosos ou humorísticos, como os autos sacros, com motivos sagrados da história de Cristo [...] No Brasil a denominação, sem especificação maior, refere-se sempre aos ranchos, ternos, grupos que festejam o Natal e Reis. O reisado pode ser apenas a cantoria como também possuir enredo ou série de pequeninos atos encadeados ou não. (CASCUDO, 1998?, p. 774-776).

De acordo com Santos,

As denominações mais comuns deste folguedo e suas variações são Bando de Reis, Boi de Reis, Companhia de Pastores, Companhia de Reis, Folia de Reis, Folia dos Santos Reis, Reis, Reis de Boi, Reis de Careta, Reisado, Reiseiro, Reses, Santos Reis, Terno de Reis, Tiração de Reis e Tiradores de Reis. (SANTOS, 2008, p. 86)

Em alguns estados como Rio de Janeiro e Minas Gerais, os grupos realizam Foliás até o dia 20 de janeiro, dia de São Sebastião e padroeiro do Estado.

Ao vivenciar essa prática cultural das festas de reis na região de Buritis-MG, onde nasci e cresci, duas inquietações emergiram: como acontece e quais as motivações para a aprendizagem musical dos integrantes do grupo de Foliões que predominam até os dias atuais participando e organizando a parte musical do ritual. A partir desses questionamentos, sobre como os integrantes do grupo Santa Luzia aprenderam a tocar seus instrumentos, quais as motivações e estratégias utilizadas, procurei investigar essa prática cultural religiosa denominada Festa de Reis ou Folia de Reis.

Esse texto irá descrever as características do grupo em estudo para, em seguida, refletir sobre os processos de aprendizagem e ensino. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa etnográfica (LUDKE; MENGA, 1986, p. 13-14), baseada em entrevistas com participantes e organizadores do festejo, e da observação participante, resultando numa descrição mais densa do evento. As pessoas selecionadas para as entrevistas foram Foliões atuantes que vivenciam a tradição há muitos anos, e cresceram em uma família que acompanha desde muito cedo o Giro de Folia de reis. Uma vez que faço parte da família que organiza esse grupo pesquisado (família Pereira), a metodologia utilizada foi o que Ribeiro (2008) chamou de endoetnografia,

quando a posição de insider, proporciona uma melhor compreensão dos significados das práticas estudadas.

A pesquisa de campo em si já exige certo nível de imersão cultural, uma enculturação necessária que irá afetar de alguma forma o pesquisador e, cada vez mais, essa separação entre sujeito-objeto, pesquisador-pesquisado torna-se irreconhecível ou, em certas ocasiões, indesejável. No Brasil, essas mudanças teriam ocorrido a partir das transformações político-sociais ocorridas após a década de 1980, já com influência da busca por uma etnomusicologia/antropologia aplicada. [...] Para o autor [Nketia], o princípio amplamente aceito pela etnomusicologia de que cada música deve ser estudada em seus próprios termos, e no contexto de sua sociedade, é aplicável tanto ao estudo do estilo quanto da estética musical. Para alcançar esse objetivo, Hood teria desenvolvido o conceito de bi-musicalidade (HOOD, 1960) como forma de familiarizar-se com o desconhecido, a partir de suas próprias teorias e pressupostos filosóficos. Ou seja, permanece ainda a tentativa da descrição do outro a partir de uma perspectiva êmica, o que é em si um paradoxo, pois a noção do outro já é uma construção cultural. Passamos, então, a descrever nossa própria construção ideológica, o que finda em uma endoetnografia indireta. (RIBEIRO, 2008, p. 62-67)

Dessa forma, participar desde criança dessa Folia de Reis, me proporcionou não só uma maior compreensão dos rituais e seus significados, como um maior acesso aos Foliões e ao Mestre Guia, responsável por toda a organização musical do festejo. Anthony Seeger ressalta que a etnografia da música vai além da escrita de como as pessoas fazem música, é uma análise dos eventos mais do que a transmissão de sons.

A etnografia da música não deve corresponder a uma antropologia da música, já que a etnografia não é definida por linhas disciplinares ou perspectivas teóricas, mas por meio de uma abordagem descritiva da música, que vai além do registro escrito de sons, apontando para o registro escrito de como os sons são concebidos, criados, apreciados e como influenciam outros processos musicais e sociais, indivíduo e grupos. A etnografia da música é a escrita sobre as maneiras que as pessoas fazem música. Ela deve estar ligada à transcrição analítica dos eventos, mais do que simplesmente à transcrição dos sons. Geralmente inclui tanto descrições detalhadas quanto declarações gerais sobre a música, baseada em uma experiência pessoal ou em um trabalho de campo. As etnografias são, às vezes, somente descritivas e não interpretam nem comparam, porém nem todas são assim. (SEEGER, 2008, p. 239).

Além da descrição do ritual a partir de minhas vivências e recordações familiares (filha de Folião e irmã do atual Imperador), realizei entrevistas com dois Foliões participantes do grupo como forma de compreender como ocorreu o processo da transmissão dos conhecimentos, pois ambos os entrevistados cresceram em uma família que acompanha desde muito cedo o

Giro de Folia de Reis: o Mestre Guia, responsável por toda a parte musical; e um jovem folião que começou a aprender a tocar viola recentemente para poder acompanhar essa Folia.

ESTRUTURA DA FOLIA DE REIS

Nessa seção irei explicar como funciona a Folia de Reis do grupo de Foliões Santa Luzia da comunidade Serra Bonita Buritis-MG pois, como bem nos lembra Cavalheiro:

Cada Folia tem a sua tradição, de acordo com a região, com os ensinamentos passados de geração para geração, com a forma de entendimento de cada mestre ou embaixador (aquele que lidera uma Folia). Portanto, não se pode afirmar que uma Folia de Reis tem que ter um exato número de Foliões, de instrumentos musicais, de cor de roupas ou bandeiras, que deve saber declamar um verso específico etc... Cada Folia tem a sua peculiaridade. (CAVALHEIRO, 2005).

Os Foliões são o grupo de pessoas que fazem parte do ritual da Folia de Reis, destinados a uma peregrinação no Giro em louvor e homenagem a Santos Reis, com o objetivo de ajudar alguém a cumprir uma promessa feita por devoção ou por tradição. Tal como em quase todos os grupos musicais, nas Folias também existe uma organização hierárquica, definida a partir das principais habilidades e funções de alguns Foliões, necessária para que o Giro aconteça. As principais funções são: Mestre Guia, Contraguia, Ajudante, Foliões, Imperador, Bandeira, Caixeiro, Giro.

Existem outras regiões em que essa manifestação ocorre de forma semelhante, desde a estrutura até a performance musical dos Foliões, todavia, com variação dos nomes pois, em alguns estados e regiões chamam Reisado, Comitiva, Companhia ou Folia de Reis.

Grupo coreográfico-musical de inspiração religiosa(católica) também conhecido como terno-de-reis ou santos-reis. Os componentes se auto-intitulam Foliões, e o conjunto é chamado comitiva, tripulação comitiva ou bandeira. Informa Alceu Maynard Araújo. A partir de 24 de dezembro até 06 de janeiro ou até 02 de fevereiro, os sítios e a cidade são percorridos por dois bandos de músicos que saem somente a noite, cantando e louvando o nascimento do Deus menino e pedindo óbulos[...] não há número fixo de participantes.[...] em geral suas principais figuras são: Mestre violeiro ou Embaixador ou Capitão da Companhia, Contramestre também violeiro, Alferes da bandeira que é o porta bandeira ou Bandeiro e um, dois ou três palhaços designados Paião ou Sebaatião, Bastião e Marungo. (MARCONDES, 1998)

No grupo Santa Luzia, Mestre Guia é um Folião que toca um instrumento, violão ou viola, e que canta. É responsável por músicas do ritual sagrado da Folia de reis também chamados de “cantori” na linguagem popular dessa cultura. Cada grupo de Folia têm o responsável pelo grupo assim chamado de “Guia” ou “Mestre”, que direciona aos outros tudo o que irá acontecer durante o festejo, onde vão e o que irão cantar e tocar. O Guia também cita algumas regras nas obrigações do Giro que todos deverão cumprir e obedecer no período em que

estiverem peregrinando na Folia. A partir do momento em que são os Foliões “consagrados”, se comprometem ou fazem um juramento a Deus diante do altar santo, ou “lapinha”, como é chamado o local onde ficam as imagens de santos ou do santo padroeiro do festeiro. Após o ritual que acontece sempre com a música de “Alvorada”, conduzido pelo Guia e o Contraguia na presença de toda a família que os acolhem e de toda Folia a comunidade.

A descrição da Folia de Reis em Goiânia Goiás é muito semelhante à que ocorre em Buritis, tal como explicado pelo Mestre Guia Salvador Pereira:

É o capitão que dá as advertências em relação às obrigações religiosas dos rituais nas casas em geral, controla horários de chegar e sair (para sair têm-se, necessariamente, que avisá-lo), vigia o uso de bebida alcoólica e observa as vozes para colocar cada participante em sua posição adequada, com o intuito de harmonizar a cantoria. Desse modo, as crenças que regem a esfera sagrada normatizam o comportamento ritual e atuam promovendo oportunidades intervenientes. (COELHO; MAIA, 2011 p. 134)



Foto 1: Salvador Pereira, Mestre Guia do grupo de Foliões Santa Luzia da comunidade Serra Bonita Buritis-MG¹

1 Todas as fotos são do acervo da família de Sra. Maria dos Reses, que atualmente ocupa o papel de Imperador desse grupo.

Apesar de algumas regiões os grupos utilizarem palhaços durante os festejos, tal como descrita por Santos (2008), é importante notar que nessa região de Buritis, os grupos não possuem a função do palhaço,

O Imperador é uma pessoa, Folião ou não, que se compromete a arcar com toda a estrutura financeira da Folia de Reis durante o festejo. As famílias que estão por trás deste cenário organizando toda a estrutura são pessoas que vêm passando de geração, dando continuidade a essa tradição e devoção. É comum que o Imperador seja responsável pela comunicação de convidar a comunidade informando dias e horários, combinar com outras famílias se querem receber a visita da Folia em suas casas, pelo espaço físico, as despesas geradas como alimentação, a manutenção de serviços de limpezas, hospedaria para Foliões e as pessoas que vem de outras regiões.

A organização musical da Folia de reis é responsabilidade primeiramente do Guia, que toca algum instrumento e canta, e depois dos demais Foliões. Nos dias dos festejos que acontecem entre três e seis de Janeiro, cabe ao “Imperador”, como organizar o trajeto de casas onde esses Foliões irão passar os dias e as noites. Quanto mais casas para visitarem, mais músicas de repertório eles preparam para tocarem e cantarem. Esses componentes do grupo de Folia de Reis são pessoas da comunidade local, de religião católica, que seguem essa tradição há muitos anos, e é bem notável que muitos desses Foliões vivenciam essa prática musical desde muito jovens, acompanhando seus pais, tios ou avôs. Isso faz com que além de ser um ritual de devoção e fé também é considerada uma manifestação cultural. Não há relatos de algum grupo de Foliões na região de Buritis-MG cobrarem valores, ou receber alguma ajuda de custo, para ir aos Giro de Folia. Vão por crença, satisfação e pela valorização de sua cultura. Se alguém quiser fazer alguma doação, esta é entregue ao Imperador para ajudar nas despesas nos dias do festejo no que achar que deve. Os instrumentos são adquiridos através de recursos financeiros próprio de cada Folião.

Mas é curioso notar que o Giro tradicional deixou de ser o único espaço de apresentação dos grupos de Folias de Reis.

Destacaremos aqui o festival que acontece na cidade de Sarandi-PR, no qual o grupo Unidos com Fé se apresenta anualmente. Apesar de comemorar a Folia de Reis há 27 anos, oficialmente o festival foi reconhecido pelo governo do Estado do Paraná no dia 13 de novembro de 2001, quando a lei n o 13.296 concedeu a cidade de Sarandi o título de *Capital Turística e Folclórica da Festa de Folia de Reis*. O local designado para acontecer este evento geralmente é no principal ginásio de esportes da cidade. A data a qual a prefeitura organiza o festival geralmente se confirma para o último domingo do mês de janeiro de cada ano. [...] Nesse festival cada grupo tem 15 minutos para se apresentar e são avaliados por uma comissão julgadora. Todos os participantes recebem certificados e troféus, além disso, tem uma premiação em dinheiro, do primeiro ao terceiro colocado que recebe de R\$ 100,00 a R\$ 150,00 reais. Cada grupo se apresenta com um número variado de Foliões, mas na composição não pode faltar a bandeira e os músicos (DIAS PINTO; ANDRADE, 2009, p. 7-8, ênfase do original)

Na cidade de Buritis, a prefeitura também organiza um encontro de Folias do município, sempre ao terceiro sábado de Janeiro, para motivar e incentivar as manifestações culturais,

apresentando em um local público para mostrar à comunidade quais são os grupo de Folia da região e um pouco do repertório de cada um. Mas, ao contrário do festival descrito na cidade de Sarandi, em Buritis não há premiação em dinheiro.



Foto 2: Grupo de foliões Santa Luzia, durante o encontro de Folias realizado pela prefeitura de Buritis.



Foto 3: Alfere e Bandeira.

A Bandeira é um ícone feito com pedaço de pano na cor azul com a imagem de Santos Reis desenhado, com uma madeira que se chamam de mastro. Algumas bandeiras são pintadas, outras bordadas, e é um objeto de devoção do Imperador. A bandeira, assim como uma imagem, representa para os devotos de Santos Reis a história de fé e representa santidade aos fiéis. Quando os Foliões se reúnem, na casa do Imperador a bandeira é entregue ao Guia, que passa para um Folião indicado que irá conduzi-la durante os dias de Giro de casa em casa. A este Folião se dá o nome de Alferes, cuja função foi corretamente descrita na “Enciclopédia da música brasileira: popular, erudita e folclórica”:

Quando a Folia chega a porta de uma casa, o Alferes entrega a bandeira para o dono ou a dona, entoam um verso pedindo licença para entrar. Dentro da casa na frente do presépio, altar ou oratório cantam os Foliões a história da viagem dos três Reis Magos ou a do Nascimento de Jesus. (MARCONDES, 1998)

De acordo com o verbete da enciclopédia, ao contextualizar manifestações culturais de Folias de Reis podemos perceber que as diferenças são menores que as semelhanças de um Estado para outro.

FOLIA DE REIS DE SERRA BONITA

O grupo de Foliões Santa Luzia da comunidade Serra Bonita em Buritis (MG), iniciou-se há cerca de vinte anos por membros da família Pereira, uma família tradicional que segue esta tradição há mais de cinquenta anos, seja participando de outros grupos da cidade e/ou recebendo os grupos em sua residência. O núcleo central do grupo é formado por Foliões mais velhos e experientes na prática que têm o compromisso entre si de estar presente e participar do ritual todos os anos, mesmo que alguns residam em regiões afastadas ou em cidades diferentes. Há também a participação de muitos jovens e adolescentes que vivenciam desde cedo acompanhando seus familiares e/ou pais Foliões.

Não tem problema essa questão de Foliões morarem em uma cidade afastada, numa outra região. Ele sabendo o que tem que ser feito, as obrigações no dia do Giro é que importa. Os Reis Magos também não morava juntos, e quando souberam que Jesus tinha nascido uniram com o mesmo objetivo de adorar o Menino, por que é o Rei Jesus. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

A direção do grupo está a cargo do Mestre Guia Sr. Salvador Pereira, Folião desde muito novo na comunidade de Serra Bonita, que acompanhava seu pai Braz Pereira da Cunha “Seu Nego”, e também seu tio Faustino (Imperador) e Florentino José da Fonseca “Seu Preto” (Mestre Guia), hoje já falecidos. Durante período de enfermidade, seu Faustino fez a promessa de organizar o festejo todos os anos enquanto estivesse vivo. Próximo da morte, pediu para sua filha Maria dos Reses manter sua promessa. Dessa forma, o festejo atual é organizado pela Sra. Maria dos Reses (filha de seu Faustino e prima do Mestre Guia Salvador), considerada o Imperador do grupo, juntamente com seus irmãos e irmãs. Além

desse festejo com a tradicional família da Dona Maria, os Foliões deste grupo realizam outros Giros no entorno de sua comunidade e região.

Meu pai Braz e meu Tio Faustino sempre foram Folião desde cedo. No tempo de meu avô Francisco. Eles tocavam violão e meu Tio Faustino muito conhecido como “Nica” resolveu fazer uma promessa a Santos Reis de cumprir com o voto todos os anos fazendo a Folia de Reis na casa dele. Todo ano no mês de Janeiro os Foliões antigos reuniam para a Folia na casa de Tia Nica e Tia Maria. Ela era o Imperador da Folia até os últimos anos de sua vida. Depois ainda em vida, já na velhice passou a Folia pra sua filha Maria dos Reses, que a gente reúne pra dar continuidade a tradição e devoção, junto com toda a família Pereira, meus primos. É uma Folia muito abençoada. Já aconteceram muitas graças através da Folia e continuamos a nossa união. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

De acordo com o Sr. Salvador, a intenção inicial era formar um grupo de doze Foliões, para ficar em acordo com os doze apóstolos de Jesus. Mas o grupo sempre abre espaço para uma participação maior de pessoas como forma de motivar e possibilitar a continuidade desse festejo. O máximo de Foliões participantes nesse grupo é de trinta pessoas, podendo ser menos, todavia, sempre em número par, para que a divisão em duas colunas sempre seja exata.

Para poder participar da irmandade, segundo o Seu Salvador, o Folião precisa obedecer algumas regras como, por exemplo, manter no local do ritual as suas toalhinhas ou lacinhos de identificação que receberam no momento da alvorada sempre visíveis, e manter a união entre eles.

Não é permitido o Folião deixar o Giro pra ir para um bar próximo, ou se envolver com outros festejos que não seja a Folia. Isso é quebrar as regras. Quando fazemos a Alvorada, o Folião tem que esquecer o mundo fora do ritual. Hoje em dia tem pessoas que vão ao Giro que querem misturar as coisas. Não tem como ouvir músicas de outra cultura como forró e funk na Folia. E o Folião tem que estar atento a isso. Não é proibido, mas durante o Giro não pode. Como giramos em vilarejos ou em cidades tem muito isso. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

Quando um Folião quebra alguma regra ou o juramento, ele é afastado de algumas atividades do Giro como, por exemplo, cantar e tocar; ou então terá que fazer alguma atividade extra para remediar em pedido de desculpas ao grupo, para honrar seu juramento. Sempre que um Folião for afastado eles fazem um ritual com a música “desobrigando” ou “desalvorando” o Folião. Assim, ele não poderá atuar mais como um Folião.

Na Alvorada cantamos a Deus e a Santos Reis, para apresentar e consagrar os Foliões e os instrumentos que vamos tocar durante o Giro. Nesse momento o Imperador entrega as toalhinhas para os Foliões colocar no pescoço e só tirar no último dia da Folia, na desalvorada. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

As canções no ritual sagrado da Folia de Reis sempre são composições do Mestre Guia, com letras retiradas dos livros da Bíblia. Segundo o Sr. Salvador, cada Mestre Guia tem seu próprio repertório, que pode variar de acordo com a divindade que se está homenageando. No caso deste grupo, seguem o novo testamento, o evangelho de Cristo. Quando é uma Folia de um santo específico, por exemplo, de reis, eles compõem músicas relatando a história dos três reis que visitaram Maria e José após o nascimento de Jesus.

A história de Santos Reis é muito bonita. Tentamos fundamentar nela e seguir Jesus com obediência. Os evangelhos sempre fala do nascimento de Cristo e que os primeiros reis que adoraram o Rei Jesus foram os Reis Magos. Cantamos isso na Folia. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

O GIRO DO GRUPO SANTA LUZIA

A comunidade, acompanhada dos Foliões e toda a família da senhora Maria dos Reses, se reúne na casa do Imperador a partir das 15:00 horas, onde são recepcionados com um lanche. Os foliões interagem discutindo seus repertórios enquanto afinam seus instrumentos, e depois fazem seus ensaios. O Guia, em parceria com o Imperador, estipula quantas casas vão visitar até chegarem à casa de uma família com destino para o “pouso”, o descanso dos Foliões. Às 18:00 horas inicia o Giro com canto da “Alvorada” ainda na casa do Imperador, onde se consagram os Foliões, seus instrumentos e a bandeira.

Consagrar os Foliões e a irmandade por que somos todos irmãos é quando cantamos um cantori invocando as bênçãos de Deus e de Santos Reis para que dê tudo certo durante o Giro, colocando as toalhinhas no pescoço, um símbolo de identificação. Todo Giro que vamos pedimos primeiro a bênção de Deus e entregamos tudo a Ele. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

Saúdam a família com o canto “saudação da lapinha”. O nome denominado Lapinha segundo o Seu Salvador Guia, se refere somente a Folia de Reis devido à história do nascimento de Jesus, pois a lapinha é algo caracterizado com o seleiro, local onde dormiam os animais, único local que José e Maria encontraram para o nascimento de Jesus.

As saudações nas casas são sempre parecidas, mas o Guia vai cantando, improvisando com o que está presente na Lapinha da Folia de Reis e o que vem acontecendo no decorrer do Giro. Saindo da casa do Imperador, após o jantar, seguem o Giro visitando outras famílias em tempo rápido, com duração de aproximadamente duas horas. O ritual é sempre o mesmo: chegam na casa, saúdam a família, recebem um lanche, fazem um momento de brincadeira, a música da despedida e saem para a próxima casa.



Foto 4: Lapinha de Santos Reis, na Casa da Família Pereira, 2015.



Foto 5: Momento da Alvorada, 2015.

Esse momento da Folia de Reis é pouco semelhante ao do Reisado de acordo com o verbete da Enciclopédia da música Brasileira Popular, Erudita e Folclórica. O autor do verbete também descreve os personagens dançando pelas ruas e visitando casas.

Quanto a estrutura, o Reisado é um rancho que, dançando pelas ruas, para nas casas de quem deseja recebê-los. Os personagens são apresentados um a um pelo coro; depois que cada figurante entra, dança e canta, atira aos espectadores um lenço que depois é devolvido com uma gratificação. Em seguida, retira-se. Terminada as apresentações o grupo entoa a despedida e vai para outra casa. (MARCONDES, 1988)

Nesta Folia de Reis, ao contrário do Reisado acima descrito, os personagens seguem seu trajeto de Giro muito em silêncio e à noite. Ao chegar em alguma casa para visita, os moradores estão com portas fechadas, luzes apagadas, em silêncio. Alguns até dormindo. O grupo, com coro de quatro vozes, começa a cantar a Saudação de fora da casa, pedindo ao morador licença para que possam entrar, que se abram as portas e ascendam as luzes. As gratificações são entregues para Imperador da Folia e não pelo grupo de Folia.

Tudo que fazemos na Folia é de bom grado, é de coração e é para Deus. Não competimos e nem cobramos nada. Temos como uma devoção e fé. O silêncio durante o Giro é imitando a história dos Reis Magos quando saíram para visitar o Menino Jesus quando nasceu. Segundo os Evangelhos da Bíblia os Reis andavam à noite orientados por uma estrela chamada “Estrela Guia”, por que eram perseguidos pelo rei Herodes, pois queriam matar o menino. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

Mais ou menos às cinco da manhã eles vão para a casa de uma família que se predispôs para o “pouso”.

Antigamente o Giro de Folia eram três noites segundo o Evangelho, em homenagem aos três Reis Magos, mas atualmente reduziram para duas noites iniciando com o Giro da noite de sexta, chegando na casa do pouso na madrugada, onde os Foliões descansam sábado, o dia todo. Após o jantar, saem em Giro retornando para a casa do Imperador, e ali encerram suas obrigações do festejo.

A tradição segue dentro da Folia. Não quebramos nenhuma regra. Essa mudança dos dias não é permitida, por que o Imperador que organiza a Folia pede para o Giro ser uma noite ou duas noites. Não podemos deixar de fazer a Folia por isso. A Folia tem que acontecer. O que vale é a intenção, é a fé e a tradição. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

As músicas presentes no Giro incluem os cantori e as brincadeiras. Os cantori são diferenciados de acordo com os momentos celebrados no ritual, e podem ser divididos nos seguintes momentos: Alvorada, Saudação da Lapinha (o Altar), Bendito de Mesa, e Cantos de Oração.

Quando o canto de Alvorada é cantado e tocado no ritual, esse é o momento em que os Foliões recebem toda autoridade para atuar no Giro e a bênção em todos os instrumentos que irão executar. Recebem também símbolos como toalhinhas brancas que são utilizadas no pescoço ou lacinhos de fitas azuis ou brancos para colocarem nos bolsos das camisas ou nos chapéus, para caracterizá-los e separá-los (os Foliões) das pessoas comuns durante o festejo. Estes símbolos são citados nos improvisos nas letras dessa música.

Após a Alvorada, fazem a Saudação da Lapinha para saudar a família da casa onde se inicia o festejo e a todos presentes. Esse é o canto que saúda a todos presentes no festejo. Isso se repete em cada casa visitada pelo Giro. Esse canto é modificado a cada casa visitada. Os Foliões iniciam a música na chegada mas, fora da casa, e só entram quando o Guia faz o pronunciamento de entrada, diferente da saudação feita no primeiro dia da Folia na casa do Imperador antes do Giro sair em peregrinação.

Nos cantori podem ser executados o máximo de instrumentos de cordas possíveis tornando assim a música mais harmoniosa e tocante. Alguns tocadores Foliões ficam responsáveis pelo acompanhamento na viola e no violão, outros fazem uma espécie de solo, mas nas cordas graves como um baixo. As violas são sempre um diferencial nas Foliás de Reis. A caixa responsável pela marcação geralmente é executada por um Folião experiente, que domine bem esse momento do ritual, para que a música não fique desorganizada, fora de ritmo, e com batidas fortes demais. Os pandeiros também fazem um acompanhamento no ritual sagrado, com batidas mais fracas. Mas o que predomina são os instrumentos de cordas e as vozes. A parte vocal é executada por quatro vozes, onde uma primeira dupla canta em terças, cuja frase musical é repetida logo em seguida pela segunda dupla.

A literatura sobre as Foliás de Reis mostram que há bastante semelhança entre as Foliás de diversas regiões brasileiras. Em relação ao uso das vozes, podemos citar as semelhanças entre o Grupo de Foliões Santa Luzia na região de Minas e a toada paulista citada:

A toada paulista possui o coro menos numeroso que a mineira, e o andamento é mais rápido. Organiza-se em quatro vozes, e tem como vozes principais a do mestre e do contramestre. As outras duas vozes são os respondedores (FALCHETI; GUIMARÃES; MIRANDA, 2012, p. 8).

Já o verbete da Enciclopédia da Música Brasileira relata exemplos de músicas de Folia de Reis com harmonia de vozes chegando a seis sons, ao contrário do grupo de Foliões da comunidade de Serra Bonita, que sempre inciam seus cantos com o Guia e Contraguia, ordenadas em terças e mais dois Foliões fazem a repetições sempre na mesma altura, num total máximo de quatro vozes.

O canto é iniciado pelo Mestre e Contramestre, e ordinariamente em terças, e depois repetido pelos demais figurantes, as vezes com harmonia de três, quatro, cinco e até seis vozes. (MARCONDES, 1998)

Sempre que os Foliões vão tocar e cantar no ritual sagrado da Folia, o executante da caixa é responsável por tocar um padrão rítmico forte e contínuo em forma de semicolcheias, bastante chamativo, sinalizando o início do evento, informando e convidando a todos do grupo que

estão próximos dali que irá iniciar a música e que é importante a presença de todos os membros.



Foto 6: Bendito de mesa, 2015.

O Bendito de Mesa acontece quando todos terminam as refeições de almoço e jantar, e o grupo de Foliões, em companhia de toda a comunidade, canta em agradecimento pelo alimento que tiveram. Essas músicas são de ritmos bem parecidos, mas a letra é modificada. É uma sequência harmoniosa com poucos acordes, algumas com três acordes apenas, mas com repetições extensas, utilizando todos os instrumentos, exceto as palmas e pés, por ser uma música de ritmo mais lento e calmo.

As brincadeiras são os momentos de diversão, único momento no qual a comunidade que não faz parte do grupo de Foliões pode interagir com o grupo e cantar ou tocar junto e incluem as Catiras, as Curradeiras, e o Lundu. Quase sempre do lado de fora da casa devido ao espaço físico para os músicos dançarem. Ocorrem nos intervalos entre os momentos dos cantori, geralmente entre a Saudação da Lapinha e o Bendito de Mesa, e são livres para todos os instrumentos. É nesse exato momento que os músicos que ainda não têm muita prática começam a se desenvolver. É a transmissão musical de alegria, um convite também toda a comunidade presente que queira participar e interagir nas músicas. Muitas mulheres e jovens também atuam neste momento fazendo parte das rodas com palmas e batidas com os pés. As Catiras e os Lundus também são bastante tocados e é permitido qualquer pessoa que domine ou não um instrumento participar tocando ou cantando, mesmo aqueles que não estão fazendo parte do grupo de Foliões alvorados. As palmas e pés são bastante usados por aqueles que principalmente não tocam nenhum instrumento.



Foto 7: Momento da brincadeira, 2015.

Conforme relatos do Mestre Guia Salvador Pereira, no passado, quando ele iniciou como Folião, não era muito comum ver mulheres Foliões que girassem acompanhando o grupo. Não era conveniente mulheres e crianças na Folia devido à distância de uma casa a outra e por que os Foliões giram à noite e descansam durante o dia em casa de uma família que os acolhe para as refeições, tomar banho e até tirar uma soneca. Antigamente, os Foliões giravam de cavalos carregando seus instrumentos, e para mulheres e crianças era mais difícil, além do fato de que, nessa época, as mulheres não tinham o direito de optar por muitas coisas e escolhas do que gostavam de fazer. Mas, sempre que possível, participavam sem o compromisso de ser “Folião”. Uma exceção interessante é o de Coriolano Nunes, um Folião Guia mais antigo e muito experiente na Folia. Ele e sua esposa, Tereza Nunes, sempre estão juntos guiando, e ela é a segunda voz para ele nos cantoris. Sempre em intervalos das obrigações eles tocam e cantam suas composições próprias de modas de viola e animam muito as pessoas que gostam.

Os instrumentos mais utilizados são o violão, violas, pandeiros, uma caixa, gaita, acordeon, reco-reco e violino. São indispensáveis os instrumentos como violões, violas pandeiros e caixa. São talvez os principais e mais utilizados pelos Foliões no ritual da Folia. Eles utilizam os instrumentos de fácil acesso e que não dependem de energia elétrica para serem executados durante todo o percurso do festejo. Os instrumentos de percussão são muito utilizados nas brincadeiras como Lundu, Catiras e Curradeiras.

A APRENDIZAGEM MUSICAL NA FOLIA DE REIS

Diversos textos da área de educação musical têm abordado práticas musicais populares em regiões, culturas e ambientes variados, valendo-se dessas experiências para ampliação de possibilidades no processo de ensino e aprendizagem musical. A partir dessa literatura, identificamos o contexto de ensino aprendizagem dentro da cultura Folia de Reis como um ambiente informal. A definição de Libâneo² para a educação informal, segundo Wille (2005, p. 41), “perpassaria as modalidades de educação formal e não-formal, pois o contexto da vida social, política, econômica e social, bem como a família e a rua, também produzem efeitos educativos sem constituírem instâncias claramente institucionalizadas.”

O interessante dessa definição é que reconhece que, mesmo não sendo institucionalizado, ambientes informais também contribuem para o processo de aprendizado, como é o caso da aprendizagem musical dos Foliões, que acontece de forma coletiva e prática, nem sempre intencional. Mesmo que o Folião não saiba tocar um instrumento, o processo de aprendizagem inicia com a apreciação e observação podendo ou não haver a experimentação. Aqueles que têm alguma noção, ou que já sabem tocar um instrumento especificamente, podem ter contato direto com o ritual da Folia, participando através da prática coletiva no momento da brincadeira, com instruções cabíveis orientadas pelos mais experientes. Essa prática já foi identificada em diversas

O interessante dessa definição é que reconhece que, mesmo não sendo institucionalizado, ambientes informais também contribuem para o processo de aprendizado, como é o caso da aprendizagem musical dos Foliões, que acontece de forma coletiva e prática, nem sempre intencional. Mesmo que o Folião não saiba tocar um instrumento, o processo de aprendizagem inicia com a apreciação e observação podendo ou não haver a experimentação. Aqueles que têm alguma noção, ou que já sabem tocar um instrumento especificamente, podem ter contato direto com o ritual da Folia, participando através da prática coletiva no momento da brincadeira, com instruções cabíveis orientadas pelos mais experientes. Essa prática já foi identificada em diversas outras situações de grupos musicais populares (muitas vezes referidos como folclóricos), tal como relatado sobre o Maracatu pernambucano:

Os processos de transmissão musical se dão essencialmente de forma coletiva, onde, segundo Queiroz³ (2004), “a aprendizagem é feita pela prática de tocar, experimentar, prestar atenção na execução dos mais experientes e imitar suas performances”. Lacorte e Galvão⁴ (2007) acreditam que entre músicos populares, “procedimentos de resolução de problemas por tentativa e erro são uma constante durante a aprendizagem” e que, neste contexto, o prazer de tocar está à frente da disciplina e sistematização do estudo. Embora as oficinas no Maracatu se encaixem em um âmbito não-formal, a aprendizagem não vai sendo desenvolvida sem que haja uma obrigatoriedade ou mecanismos de repressão para o não-aprendizado. Por vezes, oficineiros são

2 LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 3a. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

3 QUEIROZ, Luis Ricardo Silva. Transmissão musical informal: reflexões para as práticas de ensino e aprendizagem da música. In: XIII Encontro Anual da ABEM. *Anais...* Rio de Janeiro: ABEM, 2004.

4 LACORTE, Simone; GALVÃO, Afonso. Processos de aprendizagem de músicos populares: um estudo exploratório. *Revista da ABEM*. p. 29-38, setembro de 2007.

repreendidos pelo mestre por indisciplina ou falta de assiduidade. (CANTARELLI; BARROS, 2013, p. 396)

Essa ênfase no ambiente de aprendizagem informal coletivo, e pelo fato de que neste ritual, além do desempenho musical, o fazer musical aglomera pessoas com público de todas as idades com um mesmo objetivo, podemos relacioná-lo ao conceito de “comunidades de prática” elaborado por Etienne Wenger, como explica Torres e Araújo (2009, p. 2): “Em poucas palavras é possível dizer que “comunidades de prática são grupos que compartilham um interesse ou uma paixão por algo que fazem e aprendem como fazê-lo ainda melhor à medida que interagem regularmente” (WENGER⁵)”.

O grupo da Comunidade de Serra Bonita Buritis-MG, também se apresentam em festas locais como a Festa de Nossa Senhora da Pena, padroeira da cidade de Buritis, na festa de Santa Luzia, Festa do Divino, no tradicional evento Cultural de Encontro das Folias de Reis, que acontece no mês de Janeiro, e alguns outros eventos da região, possibilitando assim uma maior interação da comunidade e Foliões. Essa relação entre músicos e comunidade é essencial para a caracterização dessa comunidade de prática, como explicam as autoras:

Segundo Wenger, para que uma comunidade possa ser caracterizada como comunidade de prática, é necessário que apresente as três características fundamentais, descritas anteriormente:

- a) o domínio (que identifica a comunidade pelos interesses e competências que distinguem seus membros de outras pessoas e comunidades);
- b) a comunidade em si (que a partir do interesse comum faz os membros engajarem-se em atividades, discussões, ajuda mútua e compartilhamento de informações);
- c) a prática (em que se desenvolve o repertório compartilhado de recursos, experiências, histórias, ferramentas, numa interação sustentada ao longo do tempo, caracterizando um processo de aprendizagem).

A definição de comunidade de prática tem, portanto, forte relação com questões das identidades, no que diz respeito aos caminhos que criam histórias pessoais, nas diversas comunidades de que fazemos parte ao experienciar a vida e o mundo. (TORRES; ARAÚJO, 2009, p. 15)

Nessa prática vivenciada, muitas vezes a companhia de Foliões apresentam canções do ritual sagrado mesmo não estando nas celebrações da Folia de Reis. Eles se agrupam para passarem informações de ensino e aprendizagem suas inovações e avanços musicais para os próximos encontros. Essa socialização possibilita o compartilhamento de ideias e vão aproximando novas pessoas a esse processo de aprendizagem acerca da Folia de Reis.

Ao contrário do Canja de Viola, evento analisado pelo texto de Torres e Araújo (2009), os Foliões do grupo Santa Luzia não têm um dia, horário e local específico para seus ensaios. O que os tornam semelhantes é que todo grupo tem seu coordenador, nesse caso, o Mestre Guia, que se responsabiliza pela organização musical acompanhado de seus ajudantes, o Contraguia, o Alferes e o Caixaieiro. Essas são as pessoas mais antigas na tradição, e aproveitam as apresentações em eventos culturais e outras festas tradicionais para reunirem o grupo com

5 Essa definição foi retirada do site de Etienne e Beverly Wenger-Trayner, disponível em <http://wenger-trayner.com/introduction-to-communities-of-practice>.

mais constância e estarem sempre em contato. É nesse momento que o repertório é discutido entre os participantes mais antigos, e distribuído horas antes das demonstrações ao público participante.

Os Foliões desse grupo são moradores e/ou ex-moradores da comunidade de Serra Bonita. Aqueles que moram próximos se reúnem com mais frequência, podendo tirar dúvidas trocar ideias sobre a Folia, e até compor algumas canções para o dia do festejo. Outros membros que moram mais longe, em outras cidades, fazem seus treinos individualmente com base naquilo que se vivenciou e praticou no período do festejo. Assim que reúnem o grupo, pouco antes da festa começar, afinam seus instrumentos e fazem um breve ensaio do seu repertório escolhido e do que irá acontecer naquele momento.

Os músicos iniciam sua prática instrumental aproximadamente aos doze anos de idade. Os participantes afirmam que é essencial sempre motivar os jovens e falar sobre a importância de manter essa tradição e a interação entre os Foliões com a comunidade. A maioria dos Foliões deste grupo, são filhos, netos e sobrinhos de antecedentes, que já são da cultura de Folia de Reis, e seguem toda essa tradição desde cedo.

Desde menino acompanhava meu Pai Braz em Giro de Reis. Com 16 anos de idade comecei a girar como Folião. Aprendi a tocar violão dentro do Giro olhando os Foliões mais velhos. Desde a época de meu avô Francisco Pereira que já existia a Folia de Reis na região. É tradição, e passa de geração para geração. Gosto muito dessa tradição e tenho como devoção e fé em minha vida. Já ouvi muitas histórias de graças alcançadas através dos festejos de Folia de reis. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

Alguns Foliões são também tocadores em rodas de viola. Eles despertam o gosto e a paixão de participar tocando seus instrumentos de corda como violão e viola em Folias. Esses mesmos Foliões vêm acompanhando pais ou familiares. Alguns jovens e adolescentes que já dominam algum instrumento, ao apreciar as músicas do ritual da Folia, também acabam gostando e participando. Outros se motivam a aprender a tocar algum instrumento a partir dessa vivência. O relato de Vinícius Pereira, de 15 anos, é somente um exemplo dos vários casos de aprendizagem musical que ocorreram dentro e por causa da Folia:

Desde pequeno, ainda recém-nascido, que meus pais me levam em Folia daqui da região. Com 12 anos comecei a participar como Folião nas obrigações do Giro. Canto e toco violão e viola. O meu avô Faustino Pereira foi Folião por muitos anos até a sua morte. Ele, o meu avô, tinha uma devoção com os Reis Magos e todos os anos, em Janeiro, era tradição meus tios, parentes próximos, em companhia de outros Foliões, se reunirem na fazenda de “Vô Nica” para a Alvorada, o Giro e a entrega da Folia. Sempre acontecia durante 3 dias. Antigamente, segundo o meu Pai, a Alvorada acontecia dia dois de janeiro, e a entrega era sempre dia seis, comemorando o dia de Santos Reis ou Reis Magos. Meu Pai Lucas, que também é Folião, sempre me incentivou, e me ensinou a tocar o instrumento, pois tem experiência em Folias. (VINÍCIUS PEREIRA)

Os músicos mais velhos que são considerados os mais experientes nas canções do ritual, que ensinam, ou passam seus ensinamentos os mais novos ou menos experientes nessa prática.

Quando comecei a “guiar”, com vinte e cinco anos de idade, já tocava violão, que aprendi somente olhando os Foliões tocando durante os Giros em que eu acompanhava. Os Foliões aprendiam olhando, acompanhando todas as notas (acordes) e o ritmo (levada). Arriscava a tocar ensaiando, por que reunidos ali é que tinham a oportunidade de aprender todos juntos. Inclusive, com os grandes mestres guias mais experientes em Folias, muitos outros tocadores que não faziam parte do grupo de Foliões, que presenciavam este momento do ritual sagrado, podiam e podem tocar e cantar as cantorias, desde que tenham noção. E mesmos aqueles Foliões que estão aprendendo, o Guia permite que acompanhem, tocando seu instrumento para incentivar e motivar o Folião. (GUIA SALVADOR PEREIRA)

É interessante contrastar esse relato ao que descreveu Harue Tanaka (2001), sobre a o processo de aprendizagem musical que acontece no Cavalo Marinho de João Pessoa. De acordo com a autora,

O que se percebe é que o conjunto musical é formado só por adultos e apesar de existir uma grande dificuldade em manter os músicos no grupo, não há pelo menos, explicitamente, uma preocupação em formar crianças que toquem e dêem continuidade a esse trabalho. As crianças e os adolescentes não tocam, em parte, pela falta de músicos que se predisponham a ensiná-los, pois, a maioria é autodidata e alega não saber ensinar. Todavia, há sempre aquelas crianças interessadas em tocar e que, espontaneamente, mesmo sem nenhuma orientação, pegam qualquer instrumento, geralmente de percussão, e acompanham o grupo nos ensaios, sem medos. (TANAKA, 2001, p. 4)

Daí veio a necessidade, como demonstra a autora, da existência de um grupo de Cavalo Marinho Infantil, pois o mesmo “prepara, de certa forma, futuros participantes de grupos adultos como, por exemplo, o grupo de Cavalo- marinho adulto do Bairro dos Novais” (TANAKA, 2001, p. 1).

No caso da Folia de Reis em Buritis, o Mestre Guia deixa bem claro que a motivação é indispensável para que a tradição não se acabe. Algumas crianças com idade menor do que estipulado atuam animando em brincadeiras fazendo parte do festejo. Diz Salvador:

As crianças também estão atuando como Foliões hoje em dia, e é preferível ter idade a partir de 12 anos com perfil de seriedade, educada, que acompanha o ritual desde muito pequeno, e que apresenta o “dom” de tocar e cantar. Muitas vezes os pais já deixam seus filhos alvarar usando a toalhinha de Folião. Isso é preciso, é uma forma de manter e incentivar os filhos na tradição da Folia para não acabar. As músicas que as crianças primeiramente aprendem são as de brincadeiras que aqui chamamos de curradeiras. São duas fileiras de pessoas, Foliões ou não, sendo que as duas primeiras pessoas da frente

da fileira conduz a brincadeira cantando, e os outros acompanham a dança. Nós, Foliões, ensinamos as crianças a tocar, cantar e dançar. As crianças vão tomando gosto e vão desenvolvendo, em casa e nos Giros, acompanhando seus pais. Isso é muito importante para a Folia de Reis. Não podemos deixar as crianças fora. (GUIA SALVADOR PEREIRA).



Foto 8: Crianças participando do Giro, 2015.

Para o Jovem Vinicius Pereira, vivenciar a prática musical da tradicional Folia de Reis motivou-o ainda mais no aspecto de aprendizagem musical. Ele, que faz parte do grupo investigado, relata que nasceu dentro da tradição e como foi seu processo de aprendizagem.

Fiz aulas por dois meses na Escola Municipal de música de Buritis, porque meu pai não tinha muito tempo em me ensinar os primeiros acordes, tudo do começo. Aprendi rápido os acordes naturais e simples. Depois ficou mais fácil de aprender, acompanhando a tocar as músicas da Folia. Sempre estou aprendendo a tocar, descobrindo notas em todas as casas do violão, aprendendo solos, pontilhados, e dedilhados, para as músicas da Folia, e outras músicas sertanejas também, por que gosto. (VINÍCIUS PEREIRA)



Foto 9: Crianças tocando instrumentos durante a curradeira, 2015.

É notável a semelhança de aprendizado do Sr. Salvador e o Jovem Vinícius. Ambos tiveram relatos da paixão e gosto pela cultura da Folia. A diferença é que na época do Sr. Salvador não existia a Escola de Música, onde pudesse aprender as primeiras notas e acordes, como aconteceu com o Vinícius.

Os ensinamentos na maioria das Folias vão passando de geração. As músicas também. Ensinamos e aprendemos na maioria das vezes na prática da própria Folia. Nunca vi ou ouvi dizer que alguém ensina as músicas de Folias em algum outro lugar, como em escolas. Mas as pessoas que tocam o sertanejo raiz, em rodas de violas, tem muito a ver com Folia. É muito parecido. A gente tem mais facilidade em aprender a tocar e cantar. Quando aprendi a tocar, meu professor na época era o Guia e os tocadores mais antigos da Folia. Eles que corrigia quando não tava certo e ensinava. A gente aprendia olhando, ouvindo, observando, fazendo, praticando imitando o outro. É como uma imitação. Assim também ensinamos. (GUIA SALVADOR PEREIRA).

Para Vinícius, o mais difícil foi superar a ansiedade de aprender os primeiros acordes e começar a tocar na Folia. Ele mora na zona rural, mas estuda na cidade de Buritis-MG. Suas aulas de música eram duas vezes na semana, toda terça e quinta à tarde, com duração de cinquenta minutos cada aula.

Desenvolvi muito, estava indo bem, mas precisei sair das aulas por que estava cada vez mais difícil devido eu morar na zona rural. Então

tive que me virar praticando o que aprendi na escola de música. Fui treinando.(VINÍCIUS PEREIRA)

Vinícius aponta como acordes mais simples, mais fáceis, o Dó Maior, Ré Maior, Mi Maior, Sol Maior, Lá Maior, e o Fá Maior, que aprendeu na escola e treinava em casa. Seu maior entusiasmo foi quando ganhou sua viola de seu Pai. Todo esse processo de aprendizagem musical da cultura de Folia foi o seu Pai, Lucas Evangelista (Folião), quem ensinou.

Aprendi a afinar o violão olhando meu pai afinar. Também aprendi a afinar viola olhando o meu pai, quando afinava a dele, e depois eu afinava a minha, apenas olhando e escutando com muita atenção para afinar, que são 5 pares de cordas na mesma altura como ele aprendeu e me ensinou. Hoje afinio sem o meu pai me ajudar e sem uso de aplicativos ou afinador à bateria. Faço de ouvido. Acho mais fáceis os acordes na viola do que no violão, mas os dedilhados são mais complicados. Nos cantoris de Folia, primeiro aprendi no violão o ritmo (levada) depois que aprendi os pontilhados nas cordas grossas (graves). (VINÍCIUS PEREIRA)

Para os Foliões é o método mais comum aprenderem a tocar olhando, observando e imitar fazendo experimentos. Essa forma de aprendizado está relacionada ao que Lucy Green chama de “práticas informais de aprendizado musical”, tal como explica Costa:

Para ela [Lucy Green], tais práticas são adotadas por grupos que desenvolvem maneiras de transmitir e adquirir habilidades musicais que diferem das práticas relacionadas à mesma finalidade no universo da educação formal. Em tais tradições de ensino e aprendizagem os músicos “se ensinam ou adquirem habilidades e conhecimentos, geralmente com a ajuda ou encorajamento de seus familiares e pares, através da observação e imitação de músicos ao seu redor e também pelas referências a gravações, performances e outros eventos ao vivo envolvendo o tipo de música escolhido” (GREEN⁶, 2002, p. 5). (COSTA p. 442)

O Jovem Vinícius deixou transparecer em sua fala a importância de aprender/iniciar música na escola específica mas, o seu maior professor, além de motivador, foi seu pai, porque ensinou as músicas de seu gosto, de sua vivência, de sua cultura. Era o que ele precisava naquele momento.

Depois que aprendi algumas acordes no violão e alguns ritmos (levada), eu desisti da aula e fui aprender os cantoris da Folia com meu Pai. Eu cresci na Folia, e acho muito bonito, e queria aprender. (VINÍCIUS PEREIRA)

Nesse pouco tempo desde que começou a tocar viola/violão (três anos), Vinícius passou a ter influência nas rodas de viola, desenvolvendo suas habilidades de tocador junto a seu pai

6 GREEN, Lucy. *How popular musicians learn: a way ahead for music education*. London: Ashgate Publishing Ltd., 2002.

Lucas, e diz ser inspiração para alguns jovens da comunidade, e que um primo até se arriscou a aprender a tocar violão com ele. A aceitação da proposta de ajudar seu primo foi de muita satisfação, parceria e companheirismo. O seu primo Lucas, que tem dezessete anos e também é filho de Folião, (seu Geraldo, já falecido), segundo Vinícius:

se motivou acompanhando e me vendo tocar e girar na Folia de reis. Ele disse que gostaria muito de aprender a tocar para girar tocando seu violão, então resolvi ajudá-lo. Marcamos uma vez na semana, pois é o único dia em podemos nos encontrar e para dar a aula. (VINÍCIUS PEREIRA)

O jovem diz não utilizar nenhum material didático como apostilas ou folhas, e seu único recurso é o violão. Os seus procedimentos de ensinar, são os mesmos utilizados quando aprendeu a tocar.

Não usamos nada por escrito. O que já ensinei foi fazendo, depois indico a ele como faz os acordes, como ele posiciona os dedos. Marcamos uma vez na semana em casa, pois é o único dia em podemos nos encontrar e dou aula para ele. No primeiro dia de aula conversamos e mostrei para ele o instrumento, falando o nome de cada parte do violão. Mostrei a mão, onde ficam as tarraxas ou cravelhas, responsáveis em ajustar as cordas para afinação. Depois o braço, onde ficam pestanas e trastes, separando as casas para a posição dos dedos, identificando as notas e acordes. O corpo do violão, que tem a boca, fundo, tampo e cavalete para a produção do som, e por último, as seis cordas, fazendo na seguinte ordem: a 1ª de cima para baixo a mais grossa (grave) a corda Mi, a 2ª é a Lá, a 3ª é Ré, a 4ª é Sol, a 5ª Si e a 6ª é o Mi fina (aguda). Cada aula a gente relembra alguma coisa e aprende novas. Depois falamos dos dedos da mão direita, que é a mão que irá tocar as cordas na boca do violão, seja qual for o ritmo. Dedo 1 polegar, dedo 2 indicador, 3 médio e 4 anular, como aprendi. A mão esquerda será responsável em prender as cordas nas casas para soar a altura das notas e o som dos acordes. A mesma forma que eu aprendi eu ensino. Faço as batidas (levadas) para ele ver e depois ele repete os mesmos movimentos que fiz no outro violão. Até agora não usei nada, mas vou passar as notas (acordes) por escrito para ele treinar em casa. (VINÍCIUS PEREIRA).

CONCLUSÃO

A partir da minha vivência musical nas práticas culturais de Festas de Reis da região de Buritis-MG, onde nasci e cresci, somada às leituras disponibilizadas pela disciplina de Práticas Musicais da Cultura, ofertada no Curso de Licenciatura em Música a Distância da Universidade de Brasília (UnB), emergiram algumas inquietações sobre os processos de aprendizagem musical que ocorrem dentro do contexto de Folia de Reis.

Essa pesquisa me auxiliou a compreender que a educação musical não se restringe aos ambientes de ensino formal, e pode sofrer alterações ou adaptações, considerando outros tipos de abordagens que podem ser relevantes no processo pedagógico para o ensino musical, sem necessariamente substituir o ensino formal, mas apontando possibilidades de interseções.

Através da observação e dos relatos dos dois Foliões entrevistados, percebe-se que eles aprenderam apoiados na prática coletiva dentro da comunidade da Folia de Reis. Nesse ambiente acontece o processo de ensino/aprendizagem identificado como informal (não institucional, mas intencional), no qual os músicos aprendem, principalmente, através da observação e imitação, incentivados através do encorajamento de seus familiares e pares. A aprendizagem acontece de forma coletiva, onde músicos mais experientes e antigos do grupo são incentivados a ensinar, interferindo quando houver necessidade e fazendo cabíveis correções aos que estão aprendendo.

Todavia, a principal lição que podemos aprender, através desses relatos, é o fato desse aprendizado ser motivado pelo grande interesse em poder participar do fazer musical dentro do ritual. Ou seja, há uma motivação baseada numa paixão por “algo que o grupo faz, e que aprendem como fazê-lo ainda melhor à medida que interagem regularmente” (WENGER, 2015). Por essa razão consideramos que esse grupo de Folia de Reis pode ser considerado uma “comunidade de prática”.

Quando recorro ao termo “práticas de ensino e aprendizagem musical”, refiro-me ao sentido de “prática significativa”, segundo Middleton. Assim, práticas de ensino e aprendizagem de música são muito mais do que ações musicais acompanhadas dos tradicionais elementos pedagógicos que compõem a educação escolar/acadêmica: objetivos e conteúdos. As práticas de ensino e aprendizagem musical, como reprodutoras e produtoras de significados, conferem ao ensino e aprendizagem de música um papel de criador de cultura (compreendida segundo Geertz). (ARROYO, 2000, p. 15)

Há uma aprendizagem significativa, pois há uma ligação forte com o interesse do aprendiz e sua cultura local. Nesse caso, a música assume o papel de mantenedora da cultura.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. *Danças dramáticas do Brasil*. 1º Tomo. 2a. Ed. Belo Horizonte: Itaitaia, 1982.

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 5, 13-20, set. 2000.

BRANDÃO, Théo. *O reisado alagoano*. Maceió: Editora UFAL, 2007.

CANTARELLI, Juliana; BARROS, Daniele Cruz. A transmissão musical na tradição popular pernambucana: o maracatu. XXI Congresso Nacional da Associação Brasileira de Educação Musical. *Anais...* João Pessoa: Editora da UFPB, 2013. p. 392-403.

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. 10. Ed. Rio de Janeiro: Ediouro, [1998?]

CAVALHEIRO, Carlos C. *Nos passos da Folia de Reis*. 2005. Disponível em: <http://www.crearte.com.br/carlos_textos_t05.htm>. Acesso em: 28 out 2016.

COELHO, Tito Oliveira; MAIA, Carlos Eduardo Santos. Rituais de saída da bandeira na Folia de Santos Reis do Jardim das Aroeiras em Goiânia, Goiás. *Agrária*, São Paulo, No. 15, pp. 126-144, 2011.

COSTA, Rodrigo Heringer. Notas sobre a Educação formal, não-formal e informal. III SIMPOM, Simpósio Brasileiro de Pós-Graduandos em Música. *Anais...* 2014.

DIAS PINTO, Jorge Luiz; ANDRADE, Solange Ramos de. Os espaços da Folia de Reis: da peregrinação ao ginásio. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 1, n. 3, Maringá, 2009.

FALCHETI, Jacqueline Ruzzene; GUIMARÃES, Thais dos; MIRANDA, Suzana Reck. A voz na Folia de Reis: exemplos do reisado de Olímpia. *Anuário do 48o Festival do Folclore de Olímpia*, 2012.

MARCONDES, Marcos Antônio (Ed.). *Enciclopédia da Música popular brasileira: erudita, folclórica e popular*. 2. ed. São Paulo: Art Editora/Publifolha, 1999.

RIBEIRO, Hugo L. *Da Furia à Melancolia: a dinâmica das identidades na cena rock underground de Aracaju*. São Cristóvão, SE: Editora da Universidade Federal de Sergipe, 2010.

SANTOS, Ivanildo Lubarino Piccoli dos. *Os palhaços das manifestações populares brasileiras: Bumba Meu Boi, Cavalo Marinho, Folia de Reis e Pastoril Profano*. Dissertação (mestrado) Universidade Estadual Paulista – UNESP. Instituto de Artes. São Paulo, 2008.

SEEGER, Anthony. Etnografia da música. Tradução de Giovanni Cirino. Revisão Técnica de André-Kees de Moraes Schouten e José Glebson Vieira. *Cadernos de campo*, São Paulo, n. 17, p. 1-348, 2008.

TORRES, Grace Filipak; ARAÚJO, Rosane Cardoso de. Comunidade de prática musical: um estudo à luz da teoria de Etienne Wenger. *R.cient./FAP*, Curitiba, v.4, n.1 p.1-23, jan./jun. 2009

WILLE, Regiana Blank. Educação musical formal, não formal ou informal: um estudo sobre processos de ensino e aprendizagem musical de adolescentes. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 13, 39-48, set. 2005.

ANEXO A – LETRAS DAS MÚSICAS**Alvorada**

Pai filho e Espirito Santo
Meus três reis se alvoro
Alvorada com a bandeira
Nas horas que Deus marcou

Alvorada com a bandeira
Por cima da porssição
Tres reis santos se alvoro
E alvora os fulião

Fssa outra alvorada
Até completar tres vezes
Em nome dos tres reis magos
Que tudo obedeceu

Podemos alevantar
Cumprimo com a obrigação
Tres reis santos se alvorou
E alvoro seus fulião

Alvoremos meus tres reis
Pra queles que for com fé
Ele leva e tambem tras
Na sombra de vossos pés

Pesso todos fulião
Com amor e humildade
Nas horas que reverencia
Eu quero simpricidade

Abriu as porta do ceu
São Pedro quem deu a guia
Com os poder dos três rei santo
Vou alvorar esta Folia

O dono da chave do céu
São Pedro me dei licença
Pra divino descer na terra
Fazer suas continensa

Entre dias e noite horas
Entre minuto e segundo
Vei mandado do Pai eterno
Pra saudar os prazer do mundo

E os Três Rei Santo
Veio da gloria do imperio
Pra dezobrigar um Giro
Pelo os punho do nobre alfele

O mundo encheu de graça
E as trevas de alegria
E alvorar esta Folia
Meu alfele da bandeira

No ato que vos está
E quem representa o mastro
pra poder se alvorar
Ajoelha e põe as mão

Reza um Pai Nosso e uma Ave Maria
Oferece aos Tres Reis Santos
entensão da companhia
Vamos todos ajoelha

Que é de nossa obrigação
Para os reis se alvorar
E nos por Santas benção
Em nome de Deus amém

Saudação da Lapinha

Pelo sinal da santa cruz
Menino Deus nosso Senho
E pra príncipe de oração com sinaliza
do que Deus deixou

Me benzo com tres palavras
Em nome dos tres encanto
Em nome dos tres encanto
Pai eterno é o primeiro

Deus Filho é o segundo
Espírito Santo é o terceiro
Saudo Pai e saudo Filho
Saudo o Espírito santo

Resumo a tres mistérios
Saudo o mundo em quatro cantos
Do nascente pra o poente
E do norte para o sul

Poe cima da superfissie
Por baixo do ceu azul
Saudo ceu mar e terra
Saudo a boca do mundo

Saudo dia e noite hora
Entre minuto e segundo
O primeiro altar do mundo
Foi Noe quem ornou

Para agradecer a Deus
Quando o diluvio terminou
Deus vos salve lapinha santa
Da coroa até o chão

Saudo santo e saudo santa
Em fazer separação
Ja saudei Lapinha Santa
Por fora e tambem por dentro

Saudo as benfeitoria
Com todos os seus ornamentos
Saudo lapinha
Saudo todos aqui presente

Saudo dono da Casa
E sua nobre família

Despedida do Pouso

Pai Filho Espirito Santo
Saudo a estrela maior
Dai licença meus tres reis santo
Pra eu saudar o raio do Sol

Pra saudar o raio do Sol
Saudo Lua e as Estrela
Tambem saudo os trs reis santo
Retratado na bandeira

Meu alferes pegou no mastro
Seus devotos arreuniram
Para alvorar a bandeira
E seguir com vosso Giro

E o sol quando vem saindo
Pede licença ao Senhor
Para esparramar seus raios
Neste mundo resplendor

E o Sol quando vem saindo
Trazendo seus clarofundo
Ele esparrama seus raios
Nas quatro parte do mundo

Nas quatro parte do mundo
Os tres reis do oriente
E do norte para o Sul
Do nascente para o ponte

Do nascente nasce o Sol
Do poente a claridade
Norte e Sul forma o cruzeiro
Que é da coroa sagrada

Da cêpa nasceu a rama
Da rama nasceu a flor
E da flor nsceu Maria
Mão do nosso salvador

A estrela do raio formoso
E prencipio da primavera
Sol e Lua tem suas marchas
Que por ninguém não espera

Céu e Lua tem suas marchas
Na quantia que Deus lhe deu
Eles conduz o seu relógio
Que dele nunca esqueceu

Deus vos salve este relógio
Com seus encanto profundo
Marca dia e noite hora
Marca minuto e segundo

O sol é um astro firme
A Lua tem dimudansa
Que da nova pra crescente
e da cheia para o minguante

A Lua clareia a noite
E o Sol clareia o dia
E Deus pai clareia o mundo
E todo o astro que alumia

Meus tres reis do oriente
Na terra pra o povo ver
O agasalho e a dispesa
Ele vai agradecer

Deus vos pague a dispesa
Deus vos pague o agasalho
E só mesmo oe tres reis santos
Pra pagar o seu trabalho

Brincadeiras

Curraleira

Venha ca dono da casa
Que é hora de nois dançar

Ei Folia eu vou girar
Ai ai saudade como essa eu vou passar

Quando é de tardizinha
Que as nuvem pega baixar
Meu coração entrestece
Meus olhos pega a chorar

Segura caixa, caixeiro
Viola com violeiro....

Ei Folia eu vou girar
Ai ai saudade como essa eu vou passar

Quando é de tardizinha
Que as nuvem pega baixar
Meu coração entrestece
Meus olhos pega a chorar